

• Nacional

Globo-Brasil

POLÍTICA ECONÔMICA

Fernando Henrique descarta choque, mas há expectativa de mudanças na economia

por Sergio Leopoldo Rodrigues
de São Paulo

De um lado o deputado federal Delfim Netto, do PPR-SP. De outro, o deputado federal Aloisio Mercadante, do PT-SP, reunidos ontem com empresários no Instituto de Estudos do Desenvolvimento Industrial (IEDI). Todos manifestaram sua preocupação de que as dificuldades em administrar a inflação estão empurrando o governo no sentido da adoção de uma "âncora cambial" na economia.

(O ministro da Fazenda, Fernando Henrique, disse à Agência Globo que "agora não adiantaria nada", um choque econômico. Fernando Henrique lembrou que, como está sendo feito no Brasil, a Argentina adotou primeiro medidas de combate à sonegação, controle de gastos do governo e ajuste fiscal, para depois instituir o austral e dolarizar a sua economia. E previu a queda da inflação para 25% em dezembro.)

"A economia vai continuar patinando. Os preços vão continuar subindo. Talvez o governo opte pela dolarização", foi o prognóstico do ex-ministro e deputado, que qualificou ironicamente sua análise como "chute". Mercadante marcou posição contrária à "âncora cambial", mas acrescentou que os fatos apontam para esse caminho. "As NTN Cambiais, o alinhamento dos preços públicos etc.) não é para quem quer combater a inflação com a definição de uma política de rendas", afirmou.

O empresário Jacks Rabinovich, do grupo Vicunha, entende que a falta de resultados imediatos no combate à inflação pode gerar pressões sobretudo dos políticos, para adoção de medidas mais duras. "É como o Parreira. Pedem para mudar, pedem tanto para mudar, que ele acaba mudando e mudando errado", ponderou o empresário. O presidente do IEDI, Benedito Moreira, acrescentou que a "âncora cambial" sozinha vai resultar em nada, além de causar "sérios estragos" para as exportações brasileiras.

CESTA BÁSICA

O Procon divulgou, on-

tém, a pesquisa de variação mensal do preço médio da cesta básica em São Paulo.

Em julho, o preço da cesta foi recorde desde 1991, atingindo variação de 36,92%. A maior pressão veio do grupo de alimentação, que subiu 39,06%.